"Desenho e Emancipação"  
**Flavio L. Motta**

0 problema do desenho tem muito à ver com a nossa emancipação política.

Ele se confunde com o desígnio de forjarmos na cultura humanista.

Bem sabemos que a palavra "desenho" tem, originariamente, um compromisso com a palavra "desígnio". Ambas se identificavam. Na medida em que restabelecermos, efetivamente, os vínculos entre as duas palavras, estaremos também recuperando a capacidade de influir no rumo do nosso viver. Assim, o desenho se aproximara da noção de Projeto (pro-jet), de uma espécie de lançar-se para a frente, incessantemente, movido por uma "preocupação". Essa "pré- ocupação" compartilharia da consciência da necessidade. Num certo sentido, ela já assinala um encaminhamento no plano da liberdade. Desde que se considere a preocupação como resultante de dimensões históricas e sociais, ela transforma o projeto em "projeto social''.

Na medida em que uma sociedade realiza suas condições humanísticas de viver, então o desenho se manifesta mais preciso e dinâmico em seu significado. Vale dizer que através do desenho podemos identificar o projeto social. E com ele encontraremos a linguagem adequada para conduzir a emancipação humana.

Acresce ainda que o desenho, como palavra, conheceu transformações reais e efetivas, dentro das condições gerais da história, das condições enfim que direcionaram o trabalho dentro de determinadas relações de produção. Assim, por exemplo, verificaremos que a palavra ''design'', significa entre os povos da língua inglesa, muito mais, projeto. Porém, essa noção de projeto nem sempre correspondeu à totalidade das preocupações humanísticas. "Design" permanece graças a um projeto social ligado às transformações do viver dentro da assim chamada Revolução Industrial. Neste caso, a palavra "design" circulava num contexto para configurar a disposição de transformar as coisas, produzir industrialmente em benefício de uma parcela da sociedade européia. Sabemos que os ingleses tem outras palavras para designar desenho e desenhar, como "draw","drawing" e "draft". Pensamos considerar indispensável aprofundar esses aspectos para verificarmos as transformações da palavra no plano real de sua eficiência social e sua significação histórica. Conviria notar, por exemplo, em estudo mais aprofundado, a contribuição latina, mais erudita, e a anglo-saxonica, marcada pelos aspectos "práticos" da integração de uma parte da população bárbara ao trabalho. Isso valeria um estudo à parte entre os lingüistas das nossas universidades. Porem, no momento, gostaríamos de frisar como a palavra "design" esta mais próxima a designio. Já "drawn" ou "drawing" é desenho entendido mais como esboço -, Croquis, delineação, isto é, "tirar", atrair para si, captar, puxar. Por outro lado, "draft' ' se nos afigura como o resultado do ato de desenhar no seu sentido de coisa destacada - o desenho, o esboço, o esquema, o projeto, a planta.

Como circulam as três palavras numa sociedade cuja organização lhes garante permanência e eficiência?

Dentro de uma hipótese de trabalho, avançaremos a ponto de sugerir que "drawn "e "draiwing" representam a fase de apropriação, de captação, o momento indutivo do trabalho, a primeira fase do relacionamento concreto e objetivo do "fazer". Porém, o "draft" representaria, muito mais como esse trabalho se organiza, como as operações do fazer se distribuem, como se processam e se apresentam. Mas, tanto "drawn" como "draft", têm um caráter mais reduzido. Diríamos mesmo que conservam o aspecto de verificação bidimensional como etapa do "fazer". "Design", é mais amplo e pode conter os interesses concretos, pluridimensionais, de uma parte da sociedade, dentro das mais complexas formas de produção, notadamente de bens de consumo. "Design" foi enfim que deu até agora, ao fazer, uma direção, um significado. Pelo menos, um significado que podemos apreender historicamente, inclusive examinando os compromissos sociais. Sem "design", o desenho era considerado uma atividade pessoal, puro deleite, ou momento de registro para fins "utilitários". Sem "design", não haveria desígnio. E ainda, se "design" prevaleceu sobre as demais acepções, isso se deve ao tipo de projeto social que os ingleses e posteriormente os americanos procuraram conduzir. Garantindo um sentido mais amplo à palavra desenho, nem por isso deixaram também de reduzi-la em "drawing" e "draft".Tudo parece indicar que estas duas últimas formas deveriam refletir, respectivamente, a interpretação da realidade e a atividade manual, o trabalho artesanal ainda presentes no processo industrial.

No caso brasileiro, por exemplo deveríamos verificar outras palavras, além daquelas que se registram nos dicionários.

Ainda como hipótese de trabalho, buscaremos caracterizar como e porque a palavra desenho se afastou do sentido de desígnio, notadamente nos países latinos. Adiantaríamos os nossos interesses a ponto de salientar que mesmo no Brasil, possivelmente, desenho já significou mais do que significa. As vezes ocorre com as palavras a de pauperaçao correspondente àquela que se verifica no solo, subsolo e nas pessoas.

Uma ocasião perguntamos a um caipira na cidade de Jambeiro, (Estado de São Paulo): com quem ele aprendera fazer "figurinhas" de barro para presépios, quem lhe dera os modelos; quem lhe ensinara. Respondeu, diante de uma pequena escultura: - " O desenho é meu mesmo". Naquela oportunidade, os estudantes que nos acompanhavam, ficaram surpresos com o sentido de termo. Para a maioria dos jovens, desenho era, apenas, registro gráfico, expressão em linhas, manifestação de formas em duas dimensões, esboço, trançado. Em verdade, os estudantes estavam mais próximos às lições do neoclassicismo que tanto influíram no ensino artístico brasileiro. Herdeiros dos mestres franceses que chegaram em 1816, eles estavam perplexos com o sentido mais amplo de um desenho que se identificava à concreção do pequeno objeto elaborado por um caipira. Ali estava uma situação paradoxal. 0 caipira se nos a figurava um herdeiro do sentido da palavra "desenho", de proveniência anterior à Missão Francesa. Ele que como indivíduo vivia dentro das maiores carências e mais parecia a imagem melancólica do Jeca Tatu; ele que parecia viver em "tempo parado", era também um profundo conservador, e restituía uma significação mais rica e mais humana. 0 que se perdeu da palavra em boa parte se perdeu do homem.

Assim mantivemos o nosso empenho em verificar, entre outras coisas, qual o sentido de desenho que a Missão francesa deseja transmitir? E o que, realmente, buscávamos na Missão? Sabemos que os companheiros de Le Breton, trouxeram para cá, principalmente as lições de Jacques Louis David. Sabemos ainda que David conhecera de Laymarie por volta de 1777, (1) a noção de que" o verdadeiro desenho é a linha". Entendida como contorno, a linha era elemento configurador -o limite, o fator de austeridadeque na epoca se opunha à galanteria rococó. Estava assim impregnada de uma nova comoção, produzida por um conjunto de condições emocionais da burguesia pré-revolucionária. Era também manifestação de um "projeto social restrito". Respondia melhor a uma parte da sociedade que participou da Revolução - os burgueses - e não do povo em geral. A ideia de desenho, ligado à linha, ao traçado, ao limite espacial, foi considerada o fundamento das assim chamadas ''artes plásticas", conforme a visão de Lessing. Outra proposição teorica, que muito influiu no neo-classicismo, foi a de Winckelmann que reconhecia no desenho um fundamento na necessidade e que, gradativamente, evoluia para o supérfluo. Por isso, mais tarde poderíamos perguntar e verificar se essa necessidade não era mais do que o resultado de uma consciência burguesa.

Toda essa visão, que atingia o Brasil, nas vésperas da nossa independência era, possivelmente um anteparo ante as ameaças inglesas. José Bonifácio, que viveu na França e era cientista ligado aos herdeiros da Revolução, reflete com o exemplo de sua vida e suas preocupações pela ciência, pelo "racional", uma forma de, aparelhar a nossa soberania. De certo modo, atraindo as lições francesa, nos opúnhamos com "gosto" e critérios franceses a produção inglêsa.

E também buscávamos uma "técnica" racional burguesa para estruturar nossa independência econômica.

Eis o texto do famoso "Perereca", o padre Luiz Gonçalves dos Santos, sobre a Missão de 1816: "No dia 26, no navio americano Calpe, chegaram do Havre de Grace a este porto do Rio de Janeiro, para residirem nesta Capital, vários franceses, alguns com suas familias; dos quais os artistas de profissão são pensionistas de Sua Majestade e destinados ao novo Instituto de Artes e Ciencias que se projeta fundar. Os mais oficiais são do oficio "fabris" (sic), os quais, pela indústria e saber, muito hão de concorrer para propagar entre os brasileiros o gosto das Belas Artes e "aperfeiçoar o mecanismo das manufaturas" (sic)..."

Como se vê, já naquela oportunidade, cuidavam em diversificar as "belas artes" dos "ofícios fabris", como se a arte se reservasse apenas à esfera do prazer, e a dos oficios à área do "saber", Até hoje essa dicotomia perpassa os conflitos da modernidade. Inúmeros são aqueles que preferem ver a arte confinada às condições de deleite pessoal. Assim ela passara a ser o território onde se organizarão as frustrações. Assim também ela ingressa, quase que exclusivamente; no terreno da laborterapia. Vira, para alguns, atividade marginal.

É interessante observar como determinados espectadores, consumidores, desejam manter com a obra de arte, apenas um relacionamento puramente agradável, eliminando qualquer aprofundamento crítico que representaria o reconhecimento do trabalho intelectual.

A noção de beleza no traço sensível, por exemplo, nos veio muito de Ingres (1780-1867). Seu estilete traçava linhas tão sensíveis quão precisas. Era o desenhista exemplar, cuja qualidade das obras se ajustava à simplicidade dos meios. Poucos foram os que conseguiram versar dentro dos níveis qualitativos de Ingres. Muitos, entretanto se deixavam iludir pelas aparências quase "fotográficas" de suas figuras. E se mostraram incapazes de reconhecer as sólidas estruturas dos desenhos do mestre francês. Mais do que isso, confundiram a simplicidade dos meios com a própria significação do desenho. Academizaram o mestre. Passaram assim, a falar em desenho como "coisa”, de lápis e papel os propósitos, os desígnios, o conteúdo se separou da forma, na procura de um deleite, de uma confirmação imediata. A forma reduziu sua significação. Foi esse o desvio.

Em linhas gerais, assim podemos dizer: foi esse desvio que houve à luz das tradições neoclássicas, que aqui chegaram amparadas por D. João VI, em sua disposição de formar aquilo que Yan de Almeida Prado, falando de Ender, chamou "a elite nacional".

Dentro da nossa formação colonial, tais desvios devem ser examinados. Aqui apresentamos apenas uma tentativa primeira que merece aprofundamento maior. 0 aprofundamento se oferece em muitos aspectos, inclusive no intuito de firmarmos novas perspectivas para o nosso ensino artístico e notadamente o desenho.

A preparação de professores de desenho, como uma das etapas fundamentais desse trabalho, tem sido mal compreendida pelos poderes públicos e pelas universidades em geral. Tudo o que se fez nesse sentido não mereceu amparo dos governos. Muito pelo contrário, só serviu àqueles que desejaram frear os nossos avanços no plano humanistico, para confinar o homem do Brasil à condição de pura quantidade em técnicos, tidos como entidades abstratas, destituídas de sensibilidade para um viver rico de criatividade. Se quisermos buscar um exemplo concreto destas assertivas deveremos um dia conhecer como esse tipo de preocupação, na pratica, foi conduzido, em São Paulo, no Instituto de Educação Caetano de Campos, no Museu de Arte de São Paulo e finalmente na Fundação Armando Alvares Penteado, onde trabalho de longos anos sofreu o mais rude golpe. E se exemplos podem ser analisados para afastar um aparente subjetivismo frente às questões presentes, isso não exclui a necessidade de ampliarmos os esclarecimentos em torno de um problema que se torna essencial à nossa cultura à nossa emancipação. Pouco serviria corrigir "casos particulares" se não aprofundarmos nossos estudos, mesmo dentro das universidades em torno de temas e até de palavras que falam uma linguagem que queremos ouvir e também queremos falar.

(1) Hautecoeur, Louis - L'art sous Ia révolution et L'empire en France. Paris, Guy le, Prat. - c1953 p.13- "Dejà Leymarie avait en 1777 soutenu à David que le vèritable dessin. c'est la ligne".